

VI ASSEMBLÉIA ANUAL DA COMISSÃO NACIONAL DE DIÁLOGO RELIGIOSO CATÓLICO-JUDAICO

Pe. José Bizon

Realizou-se na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 29 e 30 de outubro de 1995 a VI Assembléia Anual da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico (DCJ). Três grandes temas foram tratados durante o evento.

Celebramos com esperança os **3000 Anos de Jerusalém**. Participaram do painel: Pe. Jesus Hortal, S.J., Rabino Alejandro Lilienthal da Associação Religiosa Israelita (ARI), Bispo Sydney Alcoba Ruiz da Igreja Episcopal Anglicana e o Arcebispo Georges El Hajj da Igreja Católica Apostólica Antioquina (Ortodoxa).

Comemoramos este ano o final da II Guerra Mundial. A reflexão sobre o tema **50 anos depois do Holocausto** foi orientada pelas palestras do Rabino Henry I. Sobel, da teóloga Maria Clara Luchetti Bingemer e da Dra. Diane Kuperman.

Através das apresentações de Irmã Alda de Sion, presidente da Fraternidade Cristão/Judaica (RJ), de Dr. Carlos Barbouth, Presidente do Conselho de Fraternidade Cristão/Judaica (SP), do Pastor Mosart Noronha da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e do Irmão Pierre Lenhardt de Sion, do Centro de Estudos Teodoro Ratisbonne-Jerusalém,

Israel, a VI Assembléia Anual celebrou **Os 30 anos da Declaração Conciliar NOSTRA AETATE**. Procurou avaliar o caminho já percorrido durante estes anos e perscrutar os novos rumos para o diálogo entre nossas Comunidades.

D. Ivo Lorcheiter, responsável pela Dimensão Ecumenismo e Diálogo Religioso da CNBB, coordenou os trabalhos da Assembléia. Membros do CFCJ (SP) e dos Núcleos Regionais de Manaus, Belém, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e da Comissão em São Paulo participaram da Assembléia. Todos apresentaram relatórios das atividades referentes ao ano em curso. Muitas outras pessoas do Rio foram convidadas e participaram também do encontro.

Sua Eminência, o Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, acolheu a Assembléia do DCJ, no dia 29, na sede da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Os trabalhos desta tarde foram concluídos com uma agradável confraternização. Na segunda-feira, todos se reencontraram no salão da ARI para dar continuidade aos trabalhos e um almoço festivo.

Na Sinagoga da ARI, D. Eugênio de Araújo Sales, Rabino Alejandro Lilienthal, P. Mosart Noronha, Pe. José Bizon, Rabino Henry I. Sobel e todos os

assembleístas participaram do Culto Inter-Religioso de Ação de Graças que encerrou as atividades da VI Assembléia Anual do DCJ.

Expressamos os nossos agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização de mais esta Assembléia. De modo especial agradecemos ao Núcleo Regional do Rio de Janeiro que assumiu a coordenação dos trabalhos.

Para registrar este evento histórico e para partilhar o trabalho realizado com todos aqueles que acreditam no diálogo, publicamos as palestras que seguem.

Pe. José Bizon é Coordenador da representação católica da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico/Judaico

JERUSALÉM: 3.000 ANOS

Pe. Jesus Hortal, S.J.

Jerusalém está completando 3.000 anos como cidade sagrada do monoteísmo. Desde a conquista davídica, em 1.004 antes da era cristã, e da introdução nela da arca da aliança, Jerusalém tem constituído o polo de atenção, primeiro de judeus, depois dos cristãos e, mais tarde, embora em menor medida, dos muçulmanos.

Os primeiros assentamentos humanos, na área da atual Jerusalém, se remontam, ao menos a dez mil anos antes de Cristo. Inscricões egípcias e assírias falam já de um povoado, por volta de 3.000 antes da nossa era. No momento da conquista da Terra Santa pela tribos israelitas saídas do Egito, Jerusalém permaneceu nas mãos dos jebuseus, um dos povos que ocupavam a terra de Canaã. O nome original, *Urusalém*, não obstante, refere-se, segundo parece, a um deus pagão, foi conservado, com uma pequena modificação, pelos conquistadores hebreus. A tradição judaica posterior atribui-lhe, mais tarde, o significado de "Cidade de Paz". Também em virtude de uma tradição tardia, passou-se a identificar o lugar onde Davi construiu um altar e onde, mais tarde, Salomão ergueu o Templo, com o Monte Moriah, ou seja, a monta-

nha onde Abraão se dispôs a sacrificar Isaque e onde Melquisedeque teria exercido o seu sacerdócio.

Davi não apenas conquistou a cidade, como também a transformou em capital do seu reino e iniciou o processo que a transformaria no único lugar dos sacrifícios ao Deus único. Por isso, mesmo após a destruição do templo, ela foi e será sempre o ponto de referência inquestionável e insubstituível para o judaísmo.

Mas é preciso entender que Jerusalém é também o lugar onde se iniciou o cristianismo e para onde os olhares cristãos convergem. Embora Jesus tenha nascido em Belém e transcorrido sua infância e juventude em Nazaré, a sua morte aconteceu na cidade santa e lá se situa o túmulo vazio, onde se alicerçou a fé cristã. Ao descreverem a vida e a atuação de Jesus, os evangelistas apresentam a entrada em Jerusalém como a culminância do seu ministério. De modo especial, Lucas parece ter construído o seu Evangelho em torno da idéia-mestra "subir a Jerusalém", como a grande tarefa a ser cumprida por Jesus. Ainda mais, quando, após os acontecimentos que celebramos na Páscoa cristã, no dia de Pentecostes se inicia a expansão do cris-